

ÀS PORTAS DAS CIDADES URBANA E CEMITERIAL NA CIDADE DE BELÉM (PA)

AT THE DOORS OF URBAN CITIES AND
CEMETERIAL IN THE CITY OF BELÉM (PA)

Recebido em: 10 de setembro de 2021
Aprovado em: 25 de novembro de 2021
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 14 | v. 1 | p. 67-85 | jan./jun. 2022
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.2867>

Elisa Gonçalves Rodrigues *elisagoncalves00@gmail.com*

Graduada pela Universidade Federal do Pará (Belém/Brasil).
Mestranda pela Universidade Federal do Pará (Belém/Brasil).

Flávio Leonel Abreu da Silveira *flabreu@ufpa.br*

Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professor Associado III da Universidade Federal do Pará (Belém/Brasil).

RESUMO

O Cemitério Santa Izabel, localizado em plena metrópole urbana na cidade de Belém – PA, condensa uma série de inter-relações urbanas, imaginárias e emotivas que, ora o fazem aparecer em sua condição material inerte, ora o fazem emergir em uma dimensão carregada de simbolismos e, na medida em que emergem suas significações simbólicas, pode ser visto como uma cidade sutil, quase oculta na metrópole. Pensando esta cidade cemiterial, objetivamos fornecer alguns elementos à compreensão antropológica para a alta circulação de usuários e transeuntes em datas de forte apelo simbólico e coletivo que tematizam a morte, como é o caso do Dia dos Finados. Apoiados numa Antropologia Urbana *na e da* cidade, o recorte macro e microestrutural enfatizam as significações simbólicas do cemitério e dos ritos fúnebres a ele associados, bem como a relação de tais ritos com o trabalho do luto, para identificar suas práticas e relações diretas e indiretas com o Cemitério Santa Izabel, componente paisagístico e memorial relevante para o imaginário urbano na capital paraense. A partir desse recorte, é possível situar a cidade cemiterial, os ritos fúnebres e o Dia dos Finados como repertórios socioculturais para a realização da conduta de ir ao cemitério tendo por objetivo o trabalho do luto. Conclui-se que a alta circulação no espaço cemiterial no Dia dos Finados pode ser compreendida a partir da prática ritual que visa a dar conta deste trabalho.

Palavras-chave: Antropologia Urbana. Morte. Cemitério. Cidade.

ABSTRACT

The Santa Izabel Cemetery, located in the middle of the urban metropolis in the city of Belém – PA, condenses a series of urban, imaginary and emotional interrelations that sometimes make it appear in its inert material condition, sometimes make it emerge in a dimension charged with symbolisms, and insofar as their symbolic meanings emerge, it can be seen as a subtle city, almost hidden in the metropolis. Thinking about this cemetery city, we aim to provide some elements for the anthropological understanding of the high circulation of users and passersby on dates of strong symbolic and collective appeal that focus on death, such as the Day of the Dead. Supported by an Urban Anthropology in and of the city, the macro and microstructural cut emphasizes the symbolic meanings of the cemetery and the funeral rites associated with it, as well as the relationship of such rites with the work of mourning, to identify their direct and indirect practices and relationships with the Santa Izabel Cemetery, a landscape component and a memorial relevant to the urban imagination in the capital of Pará. From this perspective, it is possible to situate the cemetery city, the funeral rites and the Day of the Dead, as sociocultural repertoires for carrying out the conduct of going to the cemetery with the purpose of mourning. It is concluded that the high circulation in the cemetery space on the Day of the Dead can be understood from the ritual practice that aims to carry out this work.

Keywords: Urban Anthropology. Death. Cemetery. City.

1 INTRODUÇÃO

O artigo trata da alta circulação de usuários e transeuntes, que pode ser observada no espaço cemiterial em datas com significado coletivo que tematizam a morte, em particular o feriado de Finados, que no Brasil acontece no dia 02 de novembro. A importância deste estudo justifica-se pelas poucas pesquisas que articulam Antropologia Urbana e Antropologia Mortuária no contexto cemiterial da cidade de Belém (PA), em particular no que diz respeito ao objeto deste artigo, que trata da alta circulação no espaço cemiterial e em seus arredores, associada a determinados períodos do calendário. Através de pesquisas em bancos de dados de artigos científicos, não conseguimos localizar trabalhos que tratassem especificamente dessa relação. Isso nos levou a refletir sobre o que estaria por trás dessa relação particular entre alta circulação e datas que celebram a morte, no sentido de fornecer uma compreensão antropológica para ela a partir do contexto belenense.

Para responder a este problema, recorreremos a autores da Antropologia Urbana, assim como autores que perpassam o campo da Antropologia Mortuária, como José Carlos Rodrigues (1983) e Roberto DaMatta (1997), e também autores que se debruçam sobre a temática dos ritos, particularmente no que diz respeito à sua relação com a morte e ao trabalho do luto. Utilizamos também a perspectiva de interação de Simmel (1983) para pensarmos a dinâmica do cemitério no feriado de Finados, momento em que ele se transforma num espaço de interação mediado pelo rito fúnebre de cultuar e rememorar os mortos. A visita ao cemitério no feriado de Finados envolve uma multiplicidade de significações simbólicas associadas à morte, das quais destacamos: a presença do cemitério, entendido como morada dos mortos, no espaço urbano, a prática cultural de enterrá-los e, mesmo, o fato de existir uma data em sua memória em nosso calendário, todas estas são significações simbólicas que perpassam o rito fúnebre de visitar um túmulo.

Ao discutir a problemática da formação da identidade social no meio urbano, Gilberto Velho (2009) ressalta a importância do dinamismo e da complexidade dos sistemas de interação mediante os quais indivíduos se movem nesse meio, o que complexifica a noção de uma consistência identitária e de uma coerência biográfica engessadas, no sentido de não estarem abertas às mudanças. Para evitar tomar os indivíduos que vão ao cemitério no feriado de Finados como um grupo uno, que realiza a mesma conduta visando o mesmo fim – o que poderia nos levar a pensá-los de maneira bem caricata como uma espécie de grupo social cemiterial, por exemplo –, cumpre colocar frente a frente aspectos subjetivos e objetivos do fenômeno estudado, tomando o cuidado de não reduzi-lo a um ou outro lado. De acordo com Gilberto Velho (2009, p. 15):

A ação social dos indivíduos, através de sua permanente interação, só é possível a partir de motivações que são encontradas num jogo entre mundo interior, subjetivo, e práticas e atividades no cotidiano, envolvendo redes sociais em níveis materiais e simbólicos, com especificidades e características próprias.

O autor empregou o conceito de *campo de possibilidades* socioculturais para mediar essa problemática relação entre mundo interior ou subjetivo e mundo objetivo ou material (VELHO, 2009). O indivíduo, como evidenciado na citação acima, opera nos dois níveis, material e simbólico, e possui o que Gilberto Velho (1994) afirma ser um *potencial de metamorfoses*. O *potencial de metamorfoses* se relaciona com o que o autor entende por construção social da realidade. Não se trata, aí, de contextos sociais diferentes, mas de níveis distintos de realidade: “[...] insisto que não estamos lidando apenas com contextos sociais diferentes, mas com distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos. Parece-me que essa percepção é fundamental para uma teoria da cultura mais sofisticada” (VELHO, 1994, p. 29). É graças à natureza simbólica da construção social da realidade que o indivíduo é capaz de transitar em planos e níveis de realidade social distintos, o que não significa que, nessa mobilidade, ele perca suas âncoras de referências fundamentais, tais como a família, etnia, região, vizinhança, religião, entre outros (VELHO, 1994).

Entendemos que a conduta de ir ao cemitério no feriado de Finados também opera com níveis materiais e simbólicos sociais específicos. A partir do que o autor supracitado desenvolve na Antropologia Urbana, tomamos como lição o cuidado de não reduzir a uma unidade os agentes que executam determinada prática social. Além disso, na medida em que, como Gilberto Velho coloca (1994), a ação social dos indivíduos se dá numa interação permanente entre mundo interior e atividades do cotidiano, podemos fazer uma reflexão sobre a rede simbólica que opera nessa ação. No caso do objeto deste artigo, afirmamos que essa rede estrutura o cemitério, o feriado de Finados e o rito fúnebre de visitar túmulos com um significado simbólico e coletivo que perpassa a relação do homem com os mortos, mais particularmente, com sua rememoração e culto.

Para investigar essas relações simbólicas com os mortos, utilizamos a compreensão de autores da antropologia acerca do caráter relacional humano com a morte, situando-o como uma dimensão mediadora para aquele que atravessa a porta do cemitério, principalmente nas datas com significado simbólico-coletivo como o feriado de Finados. A especificidade dessa relação permite circunscrever o que está em jogo no espaço cemiterial e na conduta a ele relacionada, levando em conta que a simbólica que a permeia está situada em um tempo e espaço específicos, já que trata de aspectos coletivos e/ou experiências sociais próprias à cultura brasileira no início do século XXI no contexto amazônico-paraense.

Convém ainda pontuar que este artigo é de natureza bibliográfica, fruto da pesquisa da primeira autora iniciada na graduação e em desenvolvimento no mestrado, com um cemitério em particular, o Cemitério Santa Izabel, que está em uso desde 1870 e possui uma riqueza de detalhes em sua arquitetura e nos seus, aproximadamente, 45.000 túmulos. A sua localização próxima às áreas nobres da cidade de Belém - PA, facilita o acesso e a grande rotatividade de pessoas que adentram o espaço, ou que apenas circulam pelo seu entorno.

No entanto, o cemitério em questão está situado no bairro Guamã, o mais populoso dos 48 bairros de Belém, que compõe um dos perfis socioeconômicos mais carentes da capital. Trata-se de um bairro fundado a partir da exclusão de pessoas com hanseníase e doenças mentais, neste caso, transferidas para uma região de Belém que à época era considerada uma área afastada do centro ocupado pelas elites, perpetuando assim uma série de trajetos e circuitos de deambulações/ocupações de caráter segregador entre as duas realidades mencionadas (MAGNANI, 2013).

Além do Cemitério Santa Izabel, inaugurado em 1878, outros dois cemitérios acompanharam o processo de formação do bairro, reforçando esse perfil de exclusão, são eles: um "campo santo", construído próximo ao Asilo do Tucunduba e desativado em 1887; e o cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, inaugurado em 1885, em frente ao Santa Izabel. No passado, a população enobrecida local denominava esta área como "amaldiçoada", traçando uma linha segregacionista entre o centro e a periferia (MAGNANI, 2013) da cidade de Belém em expansão.

Pensando o espaço, percebe-se que há diversas formas de relacioná-lo com um urbano que se encontra em constante movimento. Ferreira (2000) considera que no universo simmeliano de fronteiras e transgressões, limite e transcendência, nenhuma ideia está investida de maior centralidade teórica que a ideia de vida, mais precisamente, da vida tal como ela é experienciada nas sociedades modernas.

Considerando esta perspectiva, a sua finitude nos coloca frente às percepções socioculturais da morte, uma vez que a contraposição da vida se volta à investigação da morte e seu percurso na cidade dos mortos, que condensa sua própria estrutura e dimensão espaço-temporal, a começar pelas casas, os túmulos, que formam as ruas da cidade silenciosa, vistas pelos moradores da cidade inquieta como residência do nada, habitação de ninguém e moradia do esquecimento (PINTO, 1968, p. 115), mas que todavia duram no tempo da metrópole amazônica.

Assim, a perspectiva de identificar o contexto de pesquisa para além do urbano em Belém do Pará como cidade dos vivos, revela-se o espaço cemiterial como cidade dos mortos onde os vivos deambulam de acordo com um calendário de culto, isto é, a cidade cemiterial, que, aqui, intitula-se Cemitério Santa Izabel. Referimo-nos ao cemitério como cidade metaforicamente, partindo da compreensão de autores

como Gennep (2011) e DaMatta (1997), que, ao se debruçarem sobre o tema da morte, mencionam a existência de um “outro mundo” que vibra como força imaginária no mundo dos vivos, na sua cidade praticada. Neste sentido, trata-se de vislumbrar na relação com o cemitério em questão, a realização de um conjunto de experiências de abertura que compõem dimensões possíveis do imaginário relativas a esse “outro mundo”, desta outra cidade sagrada presente na mundaneidade urbana. Há uma ecologia simbólica que une vivos e mortos no entrelaçamento de tais cidades ao longo do tempo na cidade de Belém.

Acompanhando estas denominações, lançamos mão no artigo de duas categorias importantes para a reflexão, que são as denominações de transeunte e usuário, sendo o transeunte usado para categorizar indivíduos que circulam, normalmente nas imediações, sem intenção de apreciar ou adentrar a cidade cemiterial: apenas passam, observam e seguem seus trajetos na urbe. Já a denominação de usuário neste estudo se aplica a quem adentra o cemitério e passa a compor temporariamente o cenário e a vibrar no imaginário que o permeia, praticando-o e cultuando os falecidos. Essas duas denominações esbarram na fronteira que separa as duas cidades, limites estes que podemos compreender a partir da análise feita por Simmel (2001) sobre a porta, que, como uma divisória significativa, não seria muda e cuja eloquência seria sutil no sentido de estabelecer laços tensionais entre mortos e vivos na urbe, atravessa as duas cidades, podendo se tornar então “a imagem do ponto fronteiroço onde o homem, em permanência, se mantém ou pode se manter” (SIMMEL, 2001, p. 12).

Iniciamos a discussão pautando as interações entre as cidades urbana e cemiterial, que ora se integram ora se apartam a depender de como são percebidas. Investigamos também o significado da cidade cemiterial, seu caráter simbólico e como este simbolismo interage com os indivíduos que nela circulam, fazendo-a emergir de sua condição meramente material para o sentido simbólico que a cerca e constitui como um ambiente de interações entre vivos, mortos e construtos humanos. Definimos ainda o que chamamos de data simbólico-coletiva, e esclarecemos sua relação com o Dia de Finados.

Em seguida, exploramos os ritos fúnebres e sua relação com o trabalho do luto, articulando-os à conduta de visitar o cemitério no feriado de Finados. Também lançamos mão, partindo de Simmel (1983), de uma reflexão sobre como o cemitério se transforma em um espaço de interação coletiva, mediado pelo rito fúnebre de cultuar e rememorar os mortos, no dia de Finados. Terminamos fazendo a ressalva de que o luto, ainda que relacionado à prática de ritualização da morte e ao culto à memória dos mortos, não pode ser entendido como a única finalidade da conduta de visitar o cemitério, seja no feriado de Finados ou em qualquer outra data.

2 ENTRADA NA CIDADE CEMITERIAL

A percepção da cidade enquanto lugar de fazeres e interações reforça a prática de uma Antropologia *na* cidade e *da* cidade a partir dos entrelaçamentos simbólico-práticos de uma cidade vivida (inter) subjetivamente e uma cidade cujas paisagens se transformam objetivamente ao longo do tempo mediante os anseios humanos, e que passa a ser observada/sentida pelo pesquisador para além de um local com segmentações fechadas, de um planejamento que desconsidera os devaneios humanos de praticá-la e sonhá-la cotidianamente no ato mesmo de vivê-la (inclusive na relação com os mortos). Esta cidade também nos permite, acostados de estudos da Escola de Chicago, compreendê-la como fenômeno urbano em si mesmo aberto às vicissitudes da vida urbana – seus espaços, áreas e caminhos detentores de sentidos de viver a cidade. A observação flutuante (PETTONET, 2008) e a etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013) nos auxiliam metodologicamente, assim como a referência à ecologia humana nos guia pelo espaço de representação (MAFFESOLI, 1994) que é o cemitério de Santa Izabel – mas, também, de celebração –, a fim de pensarmos o campo santo como uma dimensão outra do “campo de possibilidades” dos coletivos urbanos¹, neste caso, em relação a suas práticas socioculturais de culto aos mortos – considerando as suas escolhas, possibilidades concretas e simbólicas – de agenciarem as suas homenagens.

Possuindo espaços macro e microssociais, a cidade e suas dinâmicas movimentam-se constantemente como um projeto coletivo em aberto, sempre inacabado e tensional. A estrutura macro, em sua totalidade, concebe os atores sociais em suas relações institucionais e objetivas de viver a cidade como construto humano em processo, enquanto a dimensão micro envolve as experiências subjetivas, pontuais e vivenciais, daqueles que circulam na cidade na sua dimensão mezinha, isto é, pensa os espaços onde esses atores sociais se encontram e agem, refletindo os atores urbanos como sujeitos significativos na perspectiva da pluralidade urbana.

A cidade surge como um local de pesquisa dotado de variadas manifestações culturais, dentre elas destacamos a lida com espaços usualmente dispensados/evitados pelo cotidiano urbano, como o espaço cemiterial. As dimensões culturais urbanas resgatadas pelas subjetividades presentes nas sociedades brasileiras por Gilberto Velho (1986), retomam os significados dos diferentes espaços urbanos e suas

¹ Aqui apenas indicamos que a proposta de pesquisa em andamento da primeira autora, sob orientação do segundo autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA), ancora-se nesta perspectiva metodológica já que o artigo em questão é mais um esboço teórico do que etnográfico.

configurações espontâneas postas pelos indivíduos que neles circulam, elaborando/confrontando, mas também experienciando seus projetos entre si – e diríamos, entre os vivos e os mortos.

Ao contrário do que pode se pensar acerca das cidades, pesquisar nelas e por elas, trata-se de executar investigações que operam com especificidades tidas e construídas pelo nicho socioespacial ao qual determinada cidade se encontra e os diferentes modos de vida a elas associados, possibilitando, circunstancialmente, formas de abordar o fenômeno urbano pelas condições volúveis do mesmo/ transformáveis/adaptáveis, mediante temas, conceitos e métodos caros à Antropologia. A cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto em-si-mesmo, aspecto pontuado por Durhan (1984), e, continuamente, se deixa adentrar pelo pesquisador, ainda que em meio à velocidade urbana, por intermédio de determinados espaços que se sobressaem em relação a outros enquanto obnubilam alguns. Esta velocidade, por si só, nos impede de olhar para certos locais, a exemplo do cemitério, como um espaço corrente e real onde muitas relações sociais têm lugar nos grandes centros urbanos, e captar a atmosfera da cidade por entre esses espaços, em suas possibilidades, nos permite compreender tais relações.

Partindo do recorte microsocial, propomos visualizar o cemitério a partir de tabus e estigmas relacionados à morte e aos espaços que ela ocupa na urbe, que o caracterizam como um local de atmosfera densa e, neste sentido, acreditamos que pensá-lo desta perspectiva é produzir um olhar inadequado e reducionista àquele espaço (RODRIGUES, 1983). Aqui tomamos a liberdade para utilizar uma reflexão simmeliana (2005) num sentido um pouco diverso daquele originalmente operado pelo autor, neste caso, ao pensarmos a condição urbana frente às hiperestimulações sensoriais ligadas a *atitude blasé*, que se caracterizaria pelo fato de um indivíduo urbano ser incapaz de reagir a novos estímulos com as energias adequadas, ou de simplesmente proteger-se deles, pode nos sugerir certo posicionamento social quanto à figura do cemitério no espaço urbano a partir da atitude indiferente de alguns (e, mesmo, de evitação), quando o cemitério aparece no imaginário urbano como um local de presença inerte e invisível ligado a uma paisagem fantástica repleta de mistérios, almas penadas e fantasmas (SILVEIRA, 2004), por vezes pouco aprazível ao passante.

A existência do cemitério passa a ter significações outras em datas com significado simbólico-coletivo que tematizam a morte e seu culto, emergindo como um espaço que sempre esteve presente no meio urbano, mas que, no entanto, apresenta-se imperceptível por certo *efeito blasé* que, em alguns, barraria a interação com um espaço que carrega a aura de tristeza e de fortes emoções que, se sentidas intensamente, nos sobrecarregaria no ato mesmo de suportar o frenesi urbano. O cemitério é, assim, uma forma sensível que pode desestabilizar os mais suscetíveis às forças misteriosas, que sua paisagem

fantástica ligada ao mundo dos espíritos aciona, do que não seria explicável à luz de uma visão racionalista demais.

A relação com o cemitério coloca os cidadãos diante da possibilidade de diálogo sensível com os mortos. A própria existência do cemitério, que é um espaço de habitação do corpo morto, assim como o fato de existir uma data no calendário para a celebração dos mortos, são marcadores do mundo simbólico da cultura que mediam a relação do homem com a morte. O espaço cemiterial e o feriado de Finados abrigam um significado simbólico carregado de expressões de um imaginário da morte, que permite ao indivíduo interagir ou se comunicar com o mundo dos mortos. No que diz respeito à data simbólico-coletiva que tematiza a morte e seu culto, esclarecemos que a data é simbólica em virtude de representar uma dimensão imaginária e, portanto, coletiva por ser institucionalizada socialmente no Brasil como feriado nacional.

A prática da utilização de sepulturas para os mortos pode ser datada com absoluta certeza a partir do musteriano (~70.000-50.000), e sua utilização, de acordo com Eliade (2010), confirma a crença na imortalidade da alma dos homens que a empregaram. A data com significado simbólico-coletivo, portanto, no que diz respeito à relação do indivíduo com o espaço cemiterial, carrega significados que mediam a relação do indivíduo com a morte.

Segundo Ferreira (2000), para Simmel, a concepção da morte como experiência liminar e onipresente não se apresenta como o extinguir físico que espera cada um de nós num determinado "local" de nossa vida, não se apresenta como a morte no imaginário popular, com sua mão ossuda e sua face impossível. Ao invés disso, como o autor destaca, em Simmel, "o pensar a morte deve ser entendido acima de tudo como uma reflexão sobre a dimensão formalizadora de um limite que se apresenta como tal em cada momento de nossa vida" (FERREIRA, 2000, p. 112).

Corrêa Pinto (1968, p. 120), autor paraense, ao discorrer sobre suas impressões subjetivas do Cemitério da Soledade, já desativado na capital paraense, nos fornece um testemunho literário dessa experiência de entrada e saída que marca a relação do indivíduo com o espaço cemiterial:

Eu olhava para o seu negro e pesado portão, e via como ele efetivamente dividia o mundo: de um lado, a vida, com seu burburinho vão, com suas irresistíveis seduções enganosas, com suas quimeras que me tentavam; do outro, o abismo silencioso, a indecifrável mudez, a eterna interrogação.

Por ser um espaço de transitoriedade, Simmel (2001, p. 12) tece considerações sobre o quanto a entrada e saída de um local pode intermediar interações e possibilidades. A porta, sendo uma zona de

fluxo, apresenta-se no contexto do cemitério como a afluência/deambulação/deriva de transeuntes e usuários. Segundo o autor:

A porta, criando por assim dizer uma junção entre o espaço do homem e tudo o que se encontra fora dele, abole a separação entre o interior e o exterior. Como ela pode também se abrir, o fechá-la dá a impressão de um fechamento, de um isolamento ainda mais forte, face a todo espaço lá fora, do que a simples parede inarticulada. Esta última é muda enquanto a porta fala.

Portanto, assegurada por essas pontuações, a cidade cemiterial agrega em si todos os componentes citadinos que significam a cidade enquanto espaço de trânsito, de morada, de relações objetivas e subjetivas dentro e fora de seus marcadores estruturantes/definidores/fronteiriços, pois na dinâmica dessas demarcações, a porta ilustra de maneira mais clara até que ponto separação e contiguidade nada mais são do que dois aspectos do mesmo lado, como alega Simmel (2001). Assim, a porta do cemitério também compõe essa separação e reaproximação entre o espaço cemiterial e o urbano, complementando as correspondências e associações das duas cidades.

Contudo, não basta atravessar a porta do cemitério para adentrar o espaço subjetivo que ele abriga. A dinâmica das grandes cidades, com o processo de urbanização, acaba por distanciar os indivíduos de experiências pessoais, ficando-se, por vezes, isolado de relações afetivas. De acordo com Gilberto Velho (2000, p. 16-17), um dos aspectos mais discutidos acerca do processo de urbanização:

[...] trata da maior ou menor *impessoalidade* nas relações sociais, nos diferentes pontos do contínuo, ficando a metrópole no polo máximo dessa *impessoalidade*. O relacionamento pessoal, direto, 'face to face', seria típico de pequenos grupos, comunidades, aldeias etc. enquanto na cidade, especialmente na metrópole, encontraríamos a distância, a impessoalidade e o anonimato.

As relações tendem a ser mais pessoais e distantes na vida metropolitana, com os indivíduos organizando-se em famílias nucleares ou ficando cada vez mais isolados, o que contrasta com a vida grupal e comunitária, onde os laços familiares e de parentesco têm uma presença mais forte (VELHO, 2000). O cemitério participa dessa distância nas relações sociais, da impessoalidade e do anonimato na vida das grandes cidades. Caminha-se ao redor do cemitério como se caminha por qualquer outro lugar da cidade: sem adentrá-lo, evitando-o sempre que possível, escapando de sua aura.

Talvez possamos pensar que mesmo aquele para quem a porta do cemitério se abre em datas simbólico-coletivas que tematizam a morte, nem sempre está disponível ao diálogo sensível com a morte. É que não basta atravessar a porta física do cemitério para sentir o que ele abriga de subjetivo na vida do

indivíduo, isto é, sua relação com a morte. Interessante notar aqui que a impessoalidade e o anonimato do indivíduo em sua relação com o cemitério não dizem respeito, ao menos não necessariamente, a uma relação social com indivíduos vivos, mas sim com a memória de um indivíduo morto. Isso nos leva a pensar na função que o cemitério desempenha, e mais precisamente, o túmulo de quem partiu, assim como a prática de visitá-lo para o sujeito que continua a circular na cidade.

Sendo assim, é necessário pensar na dimensão que a porta abarca no âmbito urbano onde o cemitério está localizado. A porta pode significar apenas um material físico sem outras finalidades, assim como pode organizar uma perspectiva simbólica, carregada de um imaginário funéreo, que o usuário percebe ao ultrapassá-la. Entendemos que o fato de um indivíduo visitar um túmulo na cidade cemiterial - nesta cidade dentro da cidade - muito provavelmente indica que ele atravessou a porta física e adentrou o imaginário fúnebre que se encontra depois dela. Contudo, perguntamo-nos que significado teria ultrapassar tal porta para visitar esta cidade?

3 VISITANDO O CEMITÉRIO: RITO FÚNEBRE E TRABALHO DO LUTO

A visita ao cemitério no feriado de Finados pode ser entendida como uma conduta com uma finalidade específica. Perguntamo-nos, contudo, qual seria essa finalidade, e se ela é clara e organizada racionalmente àquele que a empreende? Seria simplista demais pensar nos usuários que visitam os entes que partiram e se encontram enterrados no cemitério como executando uma conduta envolvendo apenas aspectos racionais. Ir ao cemitério teria apenas um sentido consciente, atrelado a uma data de significado coletivo, estabelecida em calendário, que espera do indivíduo um determinado comportamento - neste caso, o de deixar flores no túmulo do ente que partiu, por exemplo? Na medida em que o cemitério possibilita ao homem uma experiência de abertura em sua relação com a morte, a conduta implicada na visita ao cemitério é complexa, e compreende muito mais do que se pode falar dela consciente e/ou racionalmente.

Para Bayard (1996), a ida ao cemitério é um rito fúnebre associado ao processo de luto. Tal rito é antecedido por outros no tempo, tais como o momento da *agonia*, que para o autor coincide com a fase inicial do luto, o *velório*, as *exéquias*, as *condolências*, o *luto público*, o *luto social* e o *luto psicológico* (BAYARD, 1996). O prolongamento de todas essas fases seriam o *culto dos mortos* e a *visita ao cemitério*, que em nossa cultura ocorre, de maneira institucionalizada socialmente, no Dia de Finados (02 de novembro). Interessa aqui pontuar a visita ao cemitério como um rito fúnebre associado ao trabalho do luto. Para Koury (2002, p. 78):

O estudo do fenômeno do luto, enquanto compreensão da dor da perda e do sofrimento, como instâncias simultaneamente individual e social, faz parte assim de uma Sociologia da Emoção, e busca fundamentar as bases da experiência e da troca da pessoa na sociedade.

Como evidenciado na citação acima, o fenômeno do luto coloca o sujeito diante da dor da perda e do sofrimento, exigindo dele um trabalho emocional para atravessá-los. O luto seria, nesse sentido, como pontua Genep (2011, p. 129): “[...] um estado de margem para os sobreviventes no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto)”.

Ainda para Genep (2011), durante o luto, forma-se uma sociedade especial constituída por vivos e mortos na qual o mundo é dividido: mundo dos vivos de um lado, mundo dos mortos do outro, e os vivos sairiam deste último na medida em que fossem mais aparentados ao morto. Essa divisão entre mundos dos vivos e dos mortos remete-nos ao que vimos neste artigo anteriormente a respeito da porta do cemitério, que separa a vida vivida no espaço urbano da cidade cemiterial. Apesar dessa divisão, há uma comunicação entre esses dois mundos, comunicação essa que, mediada pela relação do homem com a morte, também se materializa no espaço cemiterial. Roberto DaMatta (1997, p. 10), ao discorrer sobre a gramática ideológica brasileira, ressalta o espaço do “outro mundo”, ou do “sobrenatural” na composição dessa gramática, chamando atenção para o fato desse “outro mundo” ser “um importante elemento englobador de muitas situações sociais”.

Em estudo acerca dos significados e funções dos rituais fúnebres no processo de luto, Souza e Souza (2019), partindo do atendimento clínico a pessoas enlutadas, identificaram a ocorrência de manifestações ritualísticas ou de ritualização por parte dessas pessoas em relação às perdas sofridas. As autoras citam, entre essas manifestações, o relato dos pacientes sobre a visita ao cemitério, além da escrita de cartas para a pessoa morta, e ressaltam que os rituais fúnebres:

podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração cotidiana e social rompida pela mudança que a perda ocasiona. Além do mais, o investimento e dedicação presentes nos rituais poderão amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica, por ter atribuições relevantes como: ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto, possibilitando-lhe também a manifestação pública de seu pesar. (SOUZA; SOUZA, 2019, p. 5).

A partir do que discutimos até aqui, circunscrevemos a passagem que separa a vida no espaço urbano da cidade cemiterial, no processo de ritualização do trabalho do luto. Ao cruzar a porta do cemitério, o

indivíduo deixa para trás a maneira usual com que se posiciona diante do mundo, suspendendo por alguns instantes a forma de vida que o fluxo acelerado e contínuo das metrópoles e do trabalho lhe obrigam a assumir, e adentra por intermédio das ações rituais o imaginário do mundo dos mortos. E é mediante essa linguagem ritual que ele empreende um trabalho (de memória, inclusive) que visa dar conta da dor e sofrimento que sente pela perda de um ente que partiu. Esse trabalho, no que concerne ao rito fúnebre de ir ao cemitério, não acontece apenas em datas simbólico-coletivas que tematizam a morte e seu culto, ou mesmo em datas simbólicas na vida da pessoa que realiza a visita (por exemplo, a data de morte de um ente), estando aberto a uma multiplicidade de variáveis – psicológicas, sociais, culturais, etc. – difíceis de determinar. Contudo, é um fato constatável empiricamente a alta circulação no espaço cemiterial em datas com um significado simbólico que tematizam a morte, como o é o feriado de Finados.

Além disso, por ser uma data institucionalizada socialmente como feriado pelo calendário nacional, há no Dia de Finados a implicação de uma prática ritual coletiva no que diz respeito à visita ao cemitério. A nosso ver, esse caráter coletivo das visitas transforma o cemitério num espaço de interação mediado pelo rito fúnebre de rememoração dos mortos. O fato de ser um rito executado conjuntamente pelos brasileiros acaba fazendo com que os agentes da prática de visitação ao cemitério constituam uma unidade de indivíduos. Costa (2017), ao comentar a ideia simmeliana de que a sociedade existe onde quer que vários indivíduos entrem em interação, esclarece que, para Simmel, a unidade dos indivíduos em interação é a forma empírica da sociedade, denominada por ele sociação. Simmel (1983) distingue graus de sociação segundo a espécie e intimidade da interação, dando como exemplo de sociação desde a efemeridade de um passeio à união de uma corporação medieval. Para o autor:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades. (SIMMEL, 1983, p. 60).

É nesse sentido que deve ser entendida nossa afirmação de que o cemitério se transforma num espaço de interação em dias de visitação coletiva, pois “[...] as interações seriam as modalidades de convivência estabelecidas entre os indivíduos, as trocas recíprocas mantidas entre sujeitos que estariam constantemente se relacionando” (COSTA, 2017, p. 296). Ainda que tais interações não aconteçam de forma direta, entendemos que o compartilhamento da prática ritual implica esse nível de interação proposto pelo autor.

No Cemitério Santa Izabel, a preparação para o feriado de Finados começa já no dia anterior (primeiro de novembro), quando é possível ver em seus arredores várias barracas de floristas sendo montadas, nas extremidades das ruas e no término de suas imediações. Os portões costumam abrir às 07:00 horas e um grande volume de pessoas adentra o cemitério, sendo a partir daí, recepcionado pela celebração de uma missa que ocorre em seu interior. Ao longo da manhã é possível ver famílias, grupos e indivíduos acendendo velas ou deixando flores nos túmulos.

Além da visita a familiares, parentes e/ou amigos, notamos também a presença de usuários que vão ao cemitério visitar os túmulos de santos milagreiros para rogarem por motivações pessoais, proferir preces e pedir por suas almas, consagrando-os após anos como santos milagreiros que vibram sensivelmente no imaginário da região metropolitana de Belém. Dessa maneira, seus túmulos acabam se tornando o que Jacques Le Goff denomina como um monumento funerário, a saber, um monumento “[...] destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte” (LE GOFF, 1990, p. 462), como é o caso de Severa Romana² e o do médico Camilo Salgado³.

A paisagem urbana é parte constitutiva da ação dos indivíduos na cidade. O cemitério aparece, aos sujeitos, mediado por uma relação marcada pela experiência subjetiva de entrada e saída. A ação do indivíduo em relação ao cemitério pode ter múltiplos objetivos – seja para a manutenção de um túmulo familiar, pagando por ele, inclusive, visando um lugar para si no terreno santo; seja pela negociação sensível com os mortos com vistas a um lugar junto aos entes falecidos após a morte, ou pelo pagamento de promessas e rezas, como aquelas realizadas à Severa Romana. Também a alta circulação de pessoas no cemitério em datas simbólico-coletivas que tematizam a relação do homem com a morte pode ser compreendida a partir de um objetivo específico. Entendemos que o objetivo que ressalta das visitas ao cemitério nessa data está relacionado às experiências sensíveis da ordem do sagrado. Tais experiências propiciam um diálogo com os mortos pela via da prática ritual, que assegura uma negociação de sentidos em relação aos mortos diante da própria finitude do ser que ritualiza e que aspira um lugar de conforto espiritual *pós-mortem*, ou que simplesmente paga uma promessa diante de uma dívida alcançada, uma graça, e, por isso mesmo, dirige-se ao cemitério e celebra coletivamente a relação com a morte/os mortos num dia específico votado à memória dos que pereceram.

² Severa Romana, sepultada em 1900, é reconhecida como milagreira do Cemitério Santa Izabel e é cultuada como símbolo de defesa da honra, pois, ao ser assediada por um militar (um cabo), foi por ele morta na luta contra tal conduta.

³ Camilo Salgado, sepultado em 1938, é reconhecido como milagreiro do Cemitério Santa Izabel por ter sido médico e político notabilizado na região por sua grande generosidade e assistência aos pobres.

No Brasil, segundo DaMatta (1997), a morte é concebida a partir de uma metáfora de subida e descida, como uma passagem de um mundo ao outro, de maneira verticalizada como a própria sociedade brasileira, diferente de como ocorre com a sociedade americana, onde a morte é sempre encapsulada na figura de uma viagem que vai até as fronteiras do universo - portanto, horizontalizada. Essa relação com a morte no contexto brasileiro permeia fortemente o imaginário que estamos circunscrevendo em torno do cemitério e das visitas a ele. Outra relação importante do homem com a morte é desenvolvida por José Carlos Rodrigues (1983), em *Tabu da morte*, quando afirma que a resignação do homem à ideia de morrer foi se perdendo ao longo da história, e que, sobretudo a partir do século XIX, a morte de si passou a se transformar em tabu, de modo que a grande obstinação do tempo passou a ser a morte do outro, do próximo, do amigo, do parente. A partir de então, por temer seu desaparecimento, os familiares passaram a se ocupar da morte do ente familiar, cultuando sua memória e o local onde ele ficará enterrado após o falecimento (RODRIGUES, 1983).

O Dia de Finados, ou "Dia dos Mortos", goza de imensa popularidade no Brasil, sendo uma ocasião em que as famílias visitam e lembram os "seus mortos" queridos (DAMATTA, 1997, p. 107). O Dia de Finados interpela os brasileiros nessa rememoração, e muitos deles deixam suas casas e se dirigem ao cemitério para cumprir o rito fúnebre em questão. Trata-se de um rito possível para o trabalho que cada um deve empreender para lidar com a dor e sofrimento da perda, trabalho esse que, nesse dia específico, assume um caráter coletivo, o que pode ser notado pela alta circulação no espaço cemiterial e em seus arredores. Ressaltamos o caráter coletivo do feriado de Finados, pois entendemos que a realização do rito coletivamente faz do cemitério um espaço de interação, no sentido dado por Simmel a este termo, que o compreende como uma unidade de indivíduos (COSTA, 2017), ainda que não haja uma troca recíproca direta entre os brasileiros que se dirigem ao cemitério nesse dia. A esse respeito, aliás, é preciso pontuar ainda que nem todas as pessoas que se dirigem ao cemitério neste dia - ou mesmo em outro de significado simbólico associado à morte -, como temos insistido, realizam um projeto cuja finalidade é o trabalho do luto, mas essa é uma interpretação possível, e pode ser articulada aqui para a compreensão acerca da alta circulação de usuários no espaço cemiterial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta escrita é resultado da investigação da dinâmica de circulação neste *locus* urbano que é o Cemitério Santa Izabel. Constata-se que há uma alteração no dinamismo da circulação e da relação da cidade com o cemitério em datas associadas a momentos de rememoração a perdas por morte, em

particular na data que celebra o Dia de Finados. Frisamos que, para além desta data coletiva, estabelecida no calendário brasileiro, cada indivíduo apresenta sua relação particular com o espaço cemiterial, não podendo essa relação ser reduzida a datas ou celebrações de caráter coletivo.

Pontuamos ainda que o fato da experiência de perda mediar a relação dos cidadãos com o cemitério implica a relação do ser humano com o corpo, na medida em que as visitas feitas são para o local onde o corpo sem vida jaz enterrado. Nesse sentido, o cemitério é um local no espaço urbano que abriga e guarda a memória material da vida, podendo ser visto também como uma cidade espectral, apartado da cidade em que circula a matéria viva. Nele, diferente da cidade em que a vida material circula de maneira acelerada, as habitações são vazias, as moradias esquecidas, o que o faz assemelhar-se a uma cidade oculta dentro da cidade.

A perspectiva urbana nos concebe uma série de experiências que nos permite adentrar espaços que, outrora, eram pensados e sentidos de outra maneira. A etnografia de rua possibilita a integração do urbano, da subjetividade do indivíduo junto da particularidade cotidiana que é vivenciada de formas distintas em cada espaço urbano. Aprimorar estas análises e contemplar novos espaços que revelam características singulares da personificação urbana é também configurar-se junto ao movimento paisagístico, memorial, sensorial e imaginário.

Nesse sentido, como pontuado ao longo deste artigo, há momentos em que a porta do cemitério se abre em meio ao espaço urbano, como em determinadas datas de celebração nas quais se rememora um ente que se foi. Constitui-se como um exemplo o feriado de Finados, ocorrido no dia 02 de novembro, mas também outras datas coletivas como o Dia dos Pais e o Dia das Crianças. Nessas datas, o cemitério se abre a muitos dos indivíduos, o que demonstra uma alteração na dinâmica do espaço urbano. Uma das razões para que essa abertura se dê encontra-se no trabalho emocional que cada um necessita empreender para lidar com a dor em relação ao luto daquele que se foi e cujo corpo está enterrado no espaço cemiterial.

O cemitério, os túmulos que ele abriga, e até mesmo o dia 02 de novembro podem ser compreendidos como o nível material da realidade investigada no presente artigo, que em si mesmo nada significam. Essa realidade material, contudo, comporta uma dimensão simbólica multifacetada que diz respeito à relação do homem com a morte. É essa dimensão simbólica, compreendida como um vasto imaginário sociocultural da morte, que nos permite situar a dimensão simbólica do cemitério e da conduta de cruzar sua porta como tendo um sentido particular, não apenas para o indivíduo, mas para a cultura na qual ele está inserido.

Assim, a visita ao cemitério pode ter o sentido de um rito fúnebre atrelado ao trabalho do luto. A alta circulação no espaço cemiterial no Dia de Finados, e mesmo as datas simbólicas que levam um indivíduo particular a cruzar a porta do cemitério, podem ser compreendidas como condutas que visam ao empreendimento do trabalho do luto. Em suma, nessas datas específicas, o limite da morte comparece àqueles que vão ao cemitério mediado pela morte do ente visitado, e pela dor e sofrimento que ela provoca. A morte se apresentaria então àquele para quem o cemitério se abre nos dias de rememoração coletiva, a partir da experiência de perda por morte, demandando dele um trabalho de luto mediado por um rito fúnebre, como tal coletivo, mas que também incide em sua dimensão subjetiva.

REFERÊNCIAS

BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: Morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

COSTA, S. P. da. (2017). Apontamentos para uma leitura de Georg Simmel. **Diálogos**, n. 3, v. 1, p. 291 - 307. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37547>. Acesso em: 03 nov. 2021.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. Editora Perspectiva, 1984.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. *In*: ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. **Etnografia de rua**: Estudos de Antropologia Urbana. Porto Alegre: EdUFRGS, 2013, pp. 21-46.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERREIRA, Jonatas. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **RBCS**, v. 15, n. 44, p. 103-117, 2000.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 2011.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **RBSE**, João Pessoa, v.1, n.1, p. 77-87, GREM, abril de 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de representação. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 116, 1994.

MAGNANI, José G. C. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. **Anuário Antropológico**/2012, v. 38, n. 2, p. 53-72, 2013.

PÉTONNET, C. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. Sem. 2008. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_25.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.

PINTO, Corrêa. **Belém**. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1968.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, n. 11, v. 2, p. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. A ponte e a porta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 12, p. 10-14, set. 1996.

SIMMEL, Georg. **Simmel**: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SILVEIRA, Flávio L. A. da. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens**. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da Região Missioneira do Rio Grande do Sul. 2004. 765 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online], v. 35, e35412, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 30 out. 2021.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: Encontro de tradições e Novas Perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, vol. 59, 2009.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes Antropológicos** [online], v. 6, n. 13, 2000, p. 15-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832000000100002>. Acesso em: 28 out. 2021.

VELHO, Gilberto. **Projetos e metamorfoses**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.